

.....

## INTERAÇÃO PAIS-FILHO

Sala 402 - 13h30

CO-2321

### ENVOLVIMENTO PATERNO AO LONGO DO PRIMEIRO ANO DO BEBÊ NO CONTEXTO DE DEPRESSÃO PÓS-PARTO MATERNA

Marília Reginato **Gabriel**, UFRGS,

E-mail: gabrielmarilia@yahoo.com.br

Paula **Portugal**, UFRGS,

E-mail: paulaportugal94@hotmail.com

Milena Rosa **Silva**, UFRGS,

E-mail: milenarsilva@hotmail.com

Rita de Cássia Sobreira **Lopes**, UFRGS,

E-mail: sobreiralopes@portoweb.com.br

Cesar Augusto **Piccinini**, UFRGS,

E-mail: piccinini@portoweb.com.br

CNPq

A depressão pós-parto materna (DPP) tem sido identificada em um grande número de mães ao longo do primeiro ano do bebê (Halbreich E-mail & Karkun, 2006) e é considerada uma das complicações mais comuns do período (Gaynes et al., 2005). A DPP apresenta diversas implicações para as relações familiares, em particular para relação mãe-bebê e o próprio desenvolvimento infantil (Field, 2010; Righetti-Veltema et al., 2002). Neste contexto de maior fragilidade e sensibilidade da mãe, o envolvimento paterno e em particular o apoio emocional e instrumental do pai se faz muito importante. O envolvimento do pai com o bebê e com a mãe tem sido considerado como essencial para a proteção da relação dela com o bebê e para o seu desenvolvimento (Frizzo & Piccinini, 2005). Deste modo, o objetivo deste artigo foi investigar o envolvimento do pai ao longo do primeiro ano do bebê no contexto da DPP, com base no conceito de envolvimento paterno de Lamb et al. (1985) enfocando a prática da parentalidade - que são as tarefas

cotidianas que os pais realizam com seu filho - e suas três dimensões: interação, disponibilidade e responsabilidade. Participaram deste estudo 14 pais, com idades entre 23 e 44 anos. Deste total de participantes, 13 viviam com a mãe do bebê e um estava separado. Na ocasião das entrevistas, os bebês tinham entre um e 11 meses de idade e não apresentavam problemas de saúde. Os pais eram de níveis socioeconômicos variados e residiam na Região Metropolitana de Porto Alegre. A escolaridade variava entre ensino médio completo (6), incompleto (3), superior incompleto (1), completo (1) e pós-graduação (1). Com base no *Inventário Beck de Depressão (BDI)*, 6 pais não apresentavam indicadores de depressão, 6 apresentavam escore leve, um pai apresentou escore moderado e um pai não respondeu à escala. Quanto às mães dos bebês, todas apresentavam indicadores de depressão, sendo que 4 apresentaram escore leve, 9 obtiveram escore moderado e uma mãe apresentou escore grave de depressão. Os participantes selecionados para este estudo faziam parte do projeto “*O impacto da psicoterapia para a depressão materna e para a interação pais-bebê: estudo longitudinal do nascimento ao segundo ano de vida do bebê*” - PSICDEMA (Piccinini et al., 2003). Os pais responderam à *Entrevista sobre a Experiência de Paternidade* (Gidep/Nudif, 2003), as quais foram submetidas à análise de conteúdo qualitativa (Bardin, 1977; Laville & Dionne, 1999). As categorias de análise foram definidas *a priori*, baseadas nas dimensões de envolvimento paterno de Lamb et al. (1985): *interação*, disponibilidade e responsabilidade. Com relação à categoria *interação*, os resultados indicaram que os pais realizavam atividades de brincadeiras, conversas com o bebê, passeios, demonstração de afeto, distração e estimulação. Contudo, com relação às atividades de cuidado, poucos pais (2) relataram que cuidavam do bebê, embora a maioria deles (10) relatou que realizavam esta atividade quando solicitado pela mãe (“*Ela tem que pedir, vamos supor, chega na hora do remédio, se botar um papel lá, eu vou ver que tá na hora. Mas se não fizer, eu me esqueço, porque ela tá ali*”). Além disso, a maioria dos pais (10) relatou situações de cuidado nas quais demonstraram sentimentos de incompetência e insegurança, e alguns explicitaram que se sentiam incompetentes frente ao olhar da mãe: “*É mais a D. [que cuida] porque até eu nunca troquei menina. Até tenho um certo receio, ela... ‘não, é assim, assim’. Banho eu não dei ainda. Eu acompanho, já segurei pra ela dar banho, pra ela acalmar, mas eu tomar partido da ação, ainda não fiz*”. Com relação à *disponibilidade*, a maioria dos pais (13) relatou que tinham parte do dia para estar junto ao filho: “*Chego às seis horas em casa, até a hora de ele dormir. Dá umas quatro horas por dia*”. Contudo, ao avaliarem seu tempo disponível, metade dos pais (7) considerou que dispunham de pouco tempo com o filho: “*Eu só*

*esperava ser um pai participativo. Meu tempo disponível tá muito curto. É mais no domingo, e no domingo eu tenho um esgotamento físico tremendo*". Vários deles (4) relataram que o pouco tempo disponível devia-se ao trabalho: *"Eu sempre acho que eu não me dou tudo de mim. Mas eu tenho trabalho bastante. Dá quase sessenta horas. Então é pesado pra mim"*. No que diz respeito à responsabilidade, a grande maioria dos pais (11) relatou que percebeu um aumento do sentimento de responsabilidade. Vários pais (6) perceberam que o nascimento do bebê vem atrelado a um sentimento de que os pais e mães são os principais responsáveis pela aquela criança que necessita de muitos cuidados e atenção: *"Tu sabe que aquele nenê depende de ti, senão desaparece. Então isso te dá uma responsabilidade né, qualquer coisa que depende de ti, mas se tu não tiver ali, é o fim dele"*. Destacam-se nesta categoria as preocupações de todos os participantes em serem bons pais: *"Acho que o mais difícil de ser pai é o querer ser um bom pai. Eu acho que é um pouco complicado, assim, que também é uma coisa que tu faz por impulso, mas tu se preocupa, assim 'bah, eu tenho que ser um bom pai"*. A partir dos resultados, percebe-se que alguns pais sentem-se, por vezes, incompetentes e inseguros especialmente quanto ao cuidado do filho. Embora este sentimento possa ser parte do momento em que estavam vivendo, também se pode pensar que a DPP pode estar contribuindo para esta percepção paterna. Os resultados encontrados no presente estudo apoiam outros achados relatados na literatura que destacam um aumento do envolvimento do pai nos cuidados dos filhos e nas atividades domésticas quando a mãe apresenta DPP (Fletcher, 2009), embora esse envolvimento seja entendido como uma sobrecarga, sentindo-se exaustos ao assumirem as atividades com o bebê (Silva & Piccinini, 2009). Além disso, parece que alguns pais acabavam dependendo da solicitação da mãe para que se envolvessem nos cuidados do bebê. É possível se pensar que eles não estivessem percebendo adequadamente as necessidades do bebê e da esposa, pois assim poderiam oferecer seu apoio, ao invés de aguardar que a mãe o solicite.

.....